

DEPENDÊNCIA AFETIVA EM MULHERES PARTICIPANTES DO GRUPO MADA-BH: AS CONSTRUÇÕES PSICOSSOCIAIS ACERCA DA TEMÁTICA

Fernanda de Oliveira Moreira¹

Fernanda de Paula Carvalho²

RESUMO

A dependência afetiva perpassa pela necessidade do outro, juntamente com outras características como subordinação e inferioridade, além de elementos psicossociais como patriarcado e condições presentes na estrutura familiar. O presente artigo visa identificar quais os elementos psicossociais presentes nos discursos das mulheres participantes do Grupo MADA (Mulheres que amam demais anônimas) da cidade de Belo Horizonte/MG que vivenciam situações de dependência em relacionamentos afetivo-sexuais. Objetivou-se compreender tais elementos psicossociais, contextualizar a construção e permanência do Grupo MADA, compreender a trajetória afetivo-sexuais destas mulheres, identificar os elementos psicossociais presentes nos discursos delas, apontando como a Psicologia pode contribuir para a discussão dessas situações/casos que envolvem mulheres dependentes afetivo-sexuais. A coleta de dados foi realizada através de entrevistas semi-estruturadas com mulheres participantes do Grupo MADA – BH, com idades entre 27 e 69 anos. Após análise dos resultados obtidos verificou-se que a dependência destas mulheres não é referida somente as relações afetivo-sexuais, mas também de trabalho, família e amigos, possuindo a característica comum da auto anulação diante do outro, o patriarcado como um elemento social presente como um potencializador do lugar de dependência, e a participação grupal como forma de acolhimento de modo que estas mulheres não sintam-se sós ao encontrarem histórias de vida semelhantes as suas. Tal pesquisa não teve como pretensão esgotar os estudos sobre a temática, oposto a isso, desejou-se enaltecer as questões psicossociais relacionadas a dependência afetivo-sexual apontando como a Psicologia pode contribuir para a discussão do assunto alvo.

PALAVRAS-CHAVE: Dependência Afetiva, Mulheres, Elementos Psicossociais.

ABSTRACT

The affective dependence runs through the need of the other, along with dependence characteristics, such as subordination and inferiority, as well as psychosocial elements such as patriarchy and conditions present in the family structure. This article aims to identify the psychosocial elements present in the speeches of women participants of MADA (Anonymous Women Who Love Too Much) Group from the city Belo Horizonte/MG who experience situations of dependence in affective-sexual relationships. The objective was to understand the psychosocial elements, contextualize the construction and permanency of MADA Group, comprehend these women's affective-sexual trajectory, identify the psychosocial elements present in their speeches, pointing how Psychology can contribute to the discussion of the situations/cases that involve affective-sexual dependent women. Data collection was done through semi-structured interviews with women participants of MADA Group – BH, aged between 27 and 69 years. After analyzing the results, it was verified that the dependence of these women isn't only referred to affective-sexual relations, but also to work, family and friends, having the common characteristic of self-annulation before another, patriarchy as a social element acting as a strengthener of the place of dependency, and the group participation as a form of welcoming so that these women do not feel alone by finding life stories similar to theirs. This research was not intended consume the studies of the subject, contrary to that, it was desired to extol the

¹ Graduanda em Psicologia na FCV-Faculdade Ciências da Vida. E-mail: fernanda.oliveira.psi@hotmail.com.

² Psicóloga, mestre em Psicologia Social (UFMG) e especialista em políticas públicas (UFMG). Professora do curso de Bacharelado em Psicologia na Faculdade Ciências da Vida (FCV). E-mail: nanda_depaula@gmail.com.

psychosocial issues related to affective-sexual dependence pointing how Psychology can contribute to the discussion of the target subject.

KEYWORDS: Affective Dependence, Women, Psychosocial Element.

1 INTRODUÇÃO

A situação de dependência afetiva, também é nomeada como ciúmes patológico. Mallmann (2015) conceitua o ciúmes como um sentimento que perpassa as relações de casais, sejam eles namorados ou casados. A necessidade do outro, juntamente com outras características da dependência como, subordinação e inferioridade colocam a mulher em uma situação de fragilidade, e diante desta fragilidade algumas mulheres decidem se reunir com o intuito de fortalecerem, umas às outras.

O Grupo MADA (Mulheres que Amam Demais Anônimas) foi fundado em 1999, embora sua primeira reunião tenha acontecido em 1994, a iniciativa da criação do grupo foi da esposa de um dependente de substâncias químicas que leu o livro Mulheres que Amam Demais, de Robin Norwood e se identificou, começando assim a se reunir com mulheres que passavam pelo mesmo problema, dependência de relacionamentos.

A fundamentação do Grupo MADA é que diante do amor excessivo as mulheres se reúnam para partilharem suas trajetórias de vida e com isso possam se auxiliar, uma vez que, a história de superação de uma das participantes do grupo pode empenhar para que outras mulheres saiam dessa situação. Os critérios das Mulheres que Amam Demais Anônimas, segundo as diretrizes dispostas, parte primeiramente do pressuposto da admissão dos membros de que haviam perdido o domínio de suas próprias vidas, se dispõem a reparar os danos que possam ter causado na vida de alguém.

Diante do conceito de dependência afetiva buscou-se investigar quais os elementos psicossociais presentes nos discursos de mulheres que vivenciam situações de dependência afetivo-sexual em seus relacionamentos amorosos?

O intuito deste artigo é compreender os elementos psicossociais presentes em discursos de mulheres participantes do Grupo MADA (Mulheres que Amam Demais Anônimas) da Cidade de Belo Horizonte/MG, que vivenciam situações de dependência afetivo-sexuais em relacionamentos amorosos. Tendo como objetivos específicos: contextualizar a construção e permanência Grupo MADA e apontar

como a Psicologia pode contribuir para a discussão de situações/casos que envolvem mulheres dependentes afetivo-sexuais. Afim de alcançar tais objetivos foram entrevistadas mulheres participantes do grupo na cidade de Belo Horizonte/MG. Tal pesquisa justificou-se pela necessidade de abranger a temática desconstruindo o excesso de amor com uma visão romântica e trazendo para o campo do sofrimento e da necessidade de identificação e de métodos que auxiliem a mulher sair deste local de anulação quando referido ao outro.

Percebeu-se que as experiências de dependência para as mulheres entrevistadas estão para além das relações afetivo-sexuais, possuindo características que as levam a situação de dependência afetiva em outras interações na vida, tais como familiares, amigos e trabalho. Foram também comuns dentre os discursos a auto anulação diante do outro, e os elementos psicossociais como patriarcado e condições presentes na estrutura familiar.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A CONSTRUÇÃO E A PERMANÊNCIA DO GRUPO MADA

Grupo MADA Brasil foi fundado em 1999, embora a primeira reunião tenha acontecido em 1994. A iniciativa da criação do grupo foi da esposa de um dependente químico que leu o livro “Mulheres que Amam Demais”, de Robin Norwood e se identificou, começando assim a se reunir com outras mulheres com o mesmo problema, dependência de relacionamentos. O requisito para participar do grupo é sentir o desejo de esquivar-se de relacionamentos destrutivos. Constitui-se como, sendo uma irmandade sem fins lucrativo, não tendo a participante que arcar com nenhuma taxa ou mensalidade, além de não ser vinculado a nenhuma organização ou doutrina, informações passíveis de acesso no site oficial da irmandade.

As diretrizes do Grupo são compostas por vários fatores. Considera-se como características das mulheres que amam demais aquelas mulheres que assinalam desde os desajustes de seus lares, até seus comportamentos no desejo de suprir uma carência excessiva, a capacidade de fazer de tudo para o não rompimento do relacionamento, mulheres dispostas sempre a arcar com a culpa das situações ocorridas e chegando até a repulsa por homens gentis e que as trate bem. Essas

características que orientam o Grupo MADA foram extraídas do livro *Mulheres que Amam Demais*, de Robin Norwood (1985).

Além disso o Grupo também orienta-se por características de uma mulher que se resgatou de amar demais, que perpassa pelas conquistas dessas mulheres que se cuida, se aceita, se permite abrir com pessoas adequadas, sendo capaz de abandonar relacionamentos destrutivos, acrescentando ainda que para um relacionamento ser saudável é necessário que ambos compartilhem objetivos, valores e interesses comuns. Todos estes fundamentos também foram extraídos do livro que serviu de inspiração para a construção e permanência do Grupo MADA. Além desses elementos, os 12 passos e 12 tradições do Grupo são espelhados nas diretrizes dos Alcoólicos Anônimos, tendo esses passos como um auxílio na recuperação da dependência.

O grupo foi fundado na cidade de Belo Horizonte em 2013, além de possuir reuniões presenciais em três localidades da cidade. O Grupo conta com a realização de reuniões online para as mulheres que não possam comparecer nos encontros presenciais, entretanto as diretrizes deixam claro que a reunião online não substitui a reunião presencial. Há oferta também de eventos com grupos de estudo para falar sobre a Codependência nunca mais, que também é uma literatura indicada.

As reuniões são dispostas em dois formatos, sendo elas: abertas que contam com a participação de visitantes, e neste caso qualquer mulher que tenha interesse em participar do Grupo MADA, além de estudantes e profissionais das áreas da saúde e social, desde que sejam mulheres podem estar presentes. Já as reuniões fechadas são restritas, uma vez que os relatos dessas vivências são mantidos no anonimato. Hoje o Grupo está presente em 14 estados brasileiros com dias e horários pré-estabelecidos que podem ser acessados através do site da irmandade.

2.2 OS ELEMENTOS PSICOSSOCIAIS QUE LEVAM AS MULHERES A SITUAÇÃO DE DEPENDÊNCIA AFETIVA

A autora do livro que norteia as diretrizes do Grupo MADA, Robin Norwood (1985), traz um conceito de amor partindo do pressuposto de que quando os assuntos da mulher estão restritos ao seu companheiro e este amor significa sofrimento, e quando há justificativas para o comportamento do parceiro,

desculpando suas atitudes, desprezo e indiferença, entende-se que está amando demais.

A autora acrescenta dizendo que, quando um relacionamento coloca em desvantagem o bem-estar emocional e físico, definitivamente ama-se demais. E ainda, mulheres não amam demais por acaso, ressaltando as características sociais e familiares que podem gerar alguns padrões previsíveis. Das características mencionadas, Robin Norwood (1985) identifica em seu livro que o medo do abandono pode levar a mulher a fazer qualquer coisa para impossibilitar o término do relacionamento. A relação da baixa auto estima e até mesmo a conclusão de que não é digna de felicidade. Estes são alguns dos itens que a autora enumera, para descrever uma dependente afetiva.

Segundo Monteiro (2012), durante longo período as mulheres aceitaram relações não saudáveis, principalmente quando se trata de relações dentro de seus ambientes cotidianos, como em seus lares, e acabam se submetendo aos papéis de gênero previamente descritos pela sociedade. Estes papéis, que segundo Maroddin (2000) são transmitidos pela própria família e sociedade, desde que o indivíduo vem ao mundo. A educação dada para homens e mulheres é discriminada, aponta Azevedo (1985), comportamentos de meninas e meninos são estereotipados, onde cada qual tem uma forma de agir, incluindo sentimentos e emoções.

Diante de um contexto histórico, pensa-se na evolução da mulher no meio social brasileiro, embora de forma letárgica, quando ela sai do meio rural para o urbano, tendo uma modernização na capacidade racional e coletivo, diz (D'ÁVILA NETO,1980). O acesso a educação também foi um marco, porém a criação das escolas normais no século XIX discriminavam a profissionalização da mulher, uma vez que as mulheres deveriam ser do lar, cuidadora dos filhos e de seus afazeres domésticos (BORES, CESÍDIO, 2007). Ainda no final deste século o sistema patriarcal passa por um declínio e a sociedade passa por pequenos avanços com o início da alfabetização das mulheres.

Segundo Boris e Cesídio (2007) com a industrialização a mulher passa a ter oportunidades de trabalho no mercado, e nessas circunstâncias o feminismo buscava a equidade entre gêneros, ganhando força em meados do século XIX e início do século XX. Tal movimento encoraja as mulheres a apontar as circunstâncias em que eram submetidas nos vários contextos de suas vidas, no

meio social, econômico, familiar, institucional e outros. Boris e Cesídio (2007) ainda acrescentam que a ideologia patriarcal oculta as injustiças contra as mulheres, e o mal-estar causado pelo capitalismo contra o gênero feminino. Todos esses apontamentos indicam como se consolidou os estereótipos do masculino e feminino até a contemporaneidade.

Bution e Wechsler (2016) apontam que homens com dependências emocionais comumente se tornam abusadores, enquanto mulher em situação de dependência tendem a ser a vítima. Sendo algumas características do dependente a impulsividade, ciúmes e medo exacerbado do abandono. Assim sendo, segundo Bution e Wechsler (2016) ao perceberem uma ameaça real ou imaginária em suas relações os homens podem tornar-se agressivos e abusar de suas companheiras. Já as mulheres permanecem nestes relacionamentos por medo de ficar sozinha e o sentimento constante de estar presa a essa relação.

Scott (1995) conceitua gênero como uma categoria que precisa ser analisada à luz da cultura, normatividade, política e a subjetividade do indivíduo. O termo gênero originalmente era utilizado em oposição ao sexo, a fim de questionar que o biológico era o destino segundo (BUTLER, 2003). E começa a ser interpretado de forma mais ampla e complexa, o que permite entender de forma integral diante da contextualização do sujeito social, com uma interpretação social. Dando continuidade ao conceito Scott (1995) o amplia, trazendo a representatividade do gênero, a construção, pensando nesta construção a partir da desconstrução, e a construção diante das ideologias estatais.

Pereira *et al.* (2016) trazem que a ideia que as mulheres possuem uma inclinação ao sofrimento amoroso que atravessa os séculos e distingue culturas, chegando a destacar que nesta idealização as mulheres são reféns do amor e que essa produção estereotipada perpassa da vivência amorosa dolorosa à romantizada. O amor que antes era tido como romântico em meados do século XVIII e que foi cultuado por longos anos, vem ser tomado na contemporaneidade com a ideia de amor líquido, que segundo a teoria de Bauman (2004) introduz a fragilidade dos amores na era pós moderna e diante dessa dissolução o amor se torna alvo de descarte.

Nogueira (2010) afirma que a dependência emocional segue um protótipo de desejos emocionais que não foram realizados e são depositadas em

relacionamentos, com uma necessidade exagerada de segmento amoroso que uma pessoa sente pela outra. Esses padrões podem ser multigeracionais, estabelecidos e repetidos. Para além das disfunções nas relações afetivo-sexuais, há o conceito das relações familiares, as integrações primárias, que segundo Nogueira (2010), dizem muito de como serão as relações futuras do indivíduo. Sendo assim, uma relação familiar disfuncional pode levar a relacionamentos conturbados futuramente, podendo ser essas relações de amizade, afetivo-sexuais.

2.3 A PSICOLOGIA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A DISCUSSÃO DE SITUAÇÕES/CASOS QUE ENVOLVEM MULHERES DEPENDENTES AFETIVO-SEXUAIS

Mulheres dependentes estão nessas situações e muitas vezes não tem consciência disso, uma vez que, por questões culturais percebem seus relacionamentos como comuns e adequados, e dificilmente conseguem perceber por si só a dependência. Por vezes, diz Janiro (2015), essas mulheres possuem tudo o que é imposto socialmente, mas não acreditam em suas próprias capacidades, precisando sempre de aprovação de terceiros e se submetendo a uma relação destrutiva. Frequentemente a dependência é percebida por alguém do vínculo de convívio da mulher que faz alertas que são justificadas das mais variadas formas. Os indivíduos dependentes emocionais são geralmente submissas, enfrentando severas dificuldades em tomar decisões dentro de seus relacionamentos, sentem-se sempre responsáveis pelos acontecimentos e focam todas suas energias em suas relações, diz (BUTION, WICHSLER, 2016).

Fagundes *et al.* (2009) afirmam que diante da ótica de gênero, homens e mulheres atribuem atitudes e papéis normativos, que são estabelecidos culturalmente, e são considerados desiguais quando se compara os gêneros. As mulheres acabam assumindo papéis de subordinação e inferioridade, baseado em imposições institucionalizadas, o que pode implicar de forma direta em sua construção subjetiva, e os papéis sociais acabam por serem prescritivos e normativos.

Diante de tais apontamentos, cabe Psicologia, enquanto compromisso social não permitir a sustentação da mulher em uma escala inferiorizada no que se diz

respeito ao homem, promovendo discussões que sejam oponentes aos papéis prescritivos e que questionem normatizações que mantenham a mulher em tal patamar social. Segundo Fagundes *et al.* (2009) é necessário identificar e desconstruir tais situações que venham a fortalecer o sexismo e que são reguladores sociais.

Jovchelovitch (2004) traz que a Psicologia social é a ciência do “entre”, significando que não está nem no indivíduo, nem na sociedade, e diz que a investigação psicossocial faz uma mediação entre sujeito e sociedade. Carvalho e Costa Júnior (2017) conceituam a Psicologia social como um estudo das relações humanas perpassando do individual até uma perspectiva mais ampla, que é o social, enfocando mais o sujeito. Assim sendo, faz-se necessária a atuação com esta ênfase pelo fato de que as relações sociais estão relacionadas à conduta e estados mentais dos indivíduos. Gergen (2008) acrescenta dizendo que a Psicologia Social é o estudo sistemático da sociedade contemporânea.

Carvalho e Costa Júnior (2017) percebe a importância da Psicologia Social diante dos contextos, não somente para uma produção de conhecimento, mas como uma prática cuja atuação tenha enfoque no auxílio de pessoas, reduzindo o embate entre as desigualdades, minorias e fragilidades sociais. Gergen (2008) traz que a Psicologia social evidencia uma preocupação contínua com os processos que detêm de alguma influência diante dos comportamentos sociais.

A luz destes interesses da Psicologia social, e dos elementos psicossociais presentes nas situações de dependência afetiva, a Psicologia Social tem dentre outros objetivos a pretensão de fomentar a autonomia social de modo que as mulheres não permaneçam nesse lugar de subjugação diante de relacionamentos não saudáveis. Ressaltando-se a importância do trabalho e apontamentos dos elementos psicossociais presentes que identifiquem este lugar de subordinação, buscando portanto contrapor a tais relacionamentos, estimulando meios de identificações de uma relação destrutiva, sendo ela em qualquer âmbito do comportamento humano, ressalta Levy e Gomes (2011).

3 METODOLOGIA

O presente estudo foi realizado a partir de uma pesquisa de campo, construída através de entrevistas semiestruturadas que tiveram como base um

roteiro formulado com questões pertinentes ao tema proposto. As referidas entrevistas foram feitas com 4 mulheres do Grupo MADA da cidade de Belo Horizonte / MG, com o intuito de investigar quais os elementos psicossociais presentes nos discursos das mulheres participantes deste grupo, que vivenciam situações de dependência afetiva em seus relacionamentos afetivo-sexuais, buscou-se também verificar possibilidades de contribuição da Psicologia para a discussão de situações/casos que envolvem mulheres dependentes afetivo sexuais.

Referindo-se aos fins, trata-se de uma pesquisa qualitativa, que envolve uma abordagem interpretativa do mundo, demonstrando que seus pesquisadores investigam os fenômenos em seus cenários naturais, buscando entender tais com a significação que as pessoas dão a eles, (DENZIN, LINCOLN,2006). Quanto à natureza, classifica-se com uma pesquisa descritiva que tem como objetivo a descrição de um determinado fenômeno (GIL,2002)

Foi também realizada uma pesquisa bibliográfica com o intuito de abranger os conhecimentos acerca do assunto, contribuindo na construção deste artigo, acerca dos temas “Grupo MADA”, “dependência afetiva”, “dependência afetivo-sexual” e “mulheres dependentes e os elementos psicossociais” nas plataformas de busca científicas tais como o Scientific Electronic Library Online (ScieELO) e o Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC).

Quanto as mulheres entrevistadas os critérios de inclusão foram: I) Ser mulher; II) Ter idade entre 25 e 69 anos; III) Ser um membro do Grupo MADA-BH; e, por fim, IV) Conhecer as diretrizes do Grupo. As identidades das entrevistadas foram mantidas em sigilo sendo identificadas ao longo do estudo como: MADA 1, MADA 2, MADA 3 e MADA 4.

As entrevistas foram transcritas integralmente, e posteriormente analisadas a partir das referências da Análise de conteúdo proposta por Bardin (1977), e consiste em realizar uma leitura minuciosa das falas, análise e categorização dos temas que serão apresentados nos resultados, juntamente com a discussão das categorias de análise.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Através dos discursos das mulheres entrevistadas, foi realizada uma associação de acordo com a conexão entre os temas, diante disso realçaram quatro categorias:

1) Ser MADA: A auto anulação diante do outro; 2) Dependência nas relações de vida; 3) Você não está mais sozinha; 4) Patriarcado: Os papéis sociais de gênero.

4.1 SER MADA: A AUTO ANULAÇÃO DIANTE DO OUTRO

Os discursos apresentados apontam a característica da anulação das mulheres diante do outro, não somente em relacionamentos afetivo-sexuais, mas em relações de trabalho, familiares e entre amigos. Robin Norwood (1985), a autora do livro *Mulheres que amam demais*, que norteia as diretrizes do Grupo MADA (*Mulheres que amam demais anônimas*) descreve algumas particularidades destas mulheres. A autora defende que quando os assuntos da mulher estão restritos ao seu companheiro e este amor significa sofrimento, e que há justificativas para o comportamento do parceiro, desculpando suas atitudes, desprezo e indiferença, entende-se que está amando demais. Outro elemento é a evidencia que tais relacionamentos colocam em risco o bem-estar físico e emocional destas mulheres, e que diante desses relacionamentos elas deixam de opinar afim de evitar discussões e conflitos. Tais elementos que podem ser identificados nas falas abaixo.

“A dificuldade de dizer não, fazer a vontade do outro e não a minha, justamente por sentir medo do vazio que poderia ocorrer, medo de perder, então eu ia fazendo isso e isso foi virando uma repetição na minha vida, de anular, de fazer o que o outro queria, de não entrar em discussão para não perder. Eu imaginava assim: Eu estou com essa pessoa, ela é tudo na minha vida e se eu perder eu não tenho mais nada. E é como se eu não tivesse a capacidade inclusive de conseguir outra pessoa.”(MADA 4)

“Uma das características da mulher MADA é que ela sempre se doa, só preocupa com o outro, não se vê, não se enxerga. Lógico que ela quer no final ser reconhecida, mas inicialmente, ou sempre eu tinha um padrão de me jogar em todas relações não só de homens, mas nas demais relações [...] mas eu nunca tinha parado para cuidar de mim, para pegar toda essa energia que eu tinha para resolver o problema de todo mundo para resolver os meus.” (MADA 2)

Tais falas apresentadas pelas entrevistadas confirmam o apontamento de Robin Nowoord (1985) que identifica nestas mulheres o medo do abandono e a capacidade em fazer qualquer coisa para impedir o término de seus relacionamentos, arcando com a culpa de situações ocorridas, chegando até mesmo a conclusão de que não merecem ser felizes, juntamente com os desajustes de seus lares. Mulheres aceitam por diversos períodos relacionamentos não saudáveis

Monteiro (2012) e estas relações comumente estão interligadas aos ambientes cotidianos delas.

“São coisas simples que evidenciam essa anulação, às vezes eu queria comer pizza, e a outra pessoa queria comer hambúrguer. Por fim comíamos hambúrguer para evitar discussões e argumentações, e essas pequenas coisas iam tomando grandes proporções.” (MADA 3)

Os discursos trazidos pelas mulheres apontaram pontos comuns que possibilitaram identificar que a auto anulação é um elemento subjetivo muito presente, o que pode também evidenciar de certa forma a condição de submissão à vontade de um outro.

4.2 A DEPENDÊNCIA NAS RELAÇÕES DE VIDA

A dependência apresentada nos discursos das mulheres participantes do grupo não é somente afetivo-sexual, mas também está presente em outras relações como família, amizade e trabalho. É possível identificar nas falas, que assim como nas relações afetivo-sexuais, há uma dificuldade em estabelecer seus próprios desejos e mantê-los, acabando por ceder a vontade do outro.

“Me tomei o marido da minha mãe, até financeiramente. Sempre precisei trabalhar para sustentar a casa, e sempre resolvendo as coisas dela. [...] deixava minhas coisas de lado para cuidar do outro, muitas vezes deixei de olhar para meus problemas, nunca tive tempo para me interiorizar, tinha forças para cuidar do outro e nunca reverti essa força para o auto cuidado.” (MADA 2)

“Excesso em trabalho, onde eu estava me anulando e eu estava afundando e mesmo assim eu permanecia ali numa co-dependência por amor ao outro, por ajudar, por querer ajudar vidas. E no relacionamento também, eu sempre tive uma questão de auto anulação.” (MADA 4)

Nogueira (2010) afirma que a dependência emocional segue um padrão de necessidades emocionais que não foram satisfeitas e são depositadas em relacionamentos, com uma necessidade exagerada com segmento amoroso que uma pessoa sente pela outra. Colocando que esses padrões podem ser multigeracionais, estabelecidos e repetidos.

“Minha avó era doente, e as vezes eu queria fazer outras coisas, mas a minha tia dizia que eu precisava cuidar dela e eu fazia, muitas vezes deixei de sair e fazer coisas que eu queria por não conseguir dizer não.”(MADA 3)

As integrações primárias, segundo Nogueira (2010), dizem muito de como serão as relações futuras do indivíduo, sendo assim, uma relação familiar disfuncional pode levar a relacionamentos conturbados futuramente.

4.3 VOCÊ NÃO ESTÁ MAIS SOZINHA

Uma das formas de acolhimento realizado pelas mulheres membros do Grupo MADA é através da frase: “Você não está mais sozinha”. Este método é uma maneira que as mulheres encontraram entre elas para receber uma nova companheira. Segundo as diretrizes do Grupo (1999,) que estão dispostas no site oficial, as mulheres ao se espelharem nas histórias de vida de suas companheiras percebem que não estão mais sós.

“O grupo é extremamente acolhedor, várias expressões e palavras que as meninas usavam durante as reuniões me marcaram muito, e eu acho que isso me fez continuar, você não está sozinha mais. Tem um lugar que você pode desabafar, aqui eu falo o que estou sentindo e ninguém me acha doida, exagerada, louca, emocionalmente instável.”(MADA 2)

“É surreal, é inexplicável! Você não está mais sozinha. A fala mais escutada em todos os grupos de recuperação, mas é a fala que mais mexe. Você não está mais sozinha. E você ter esse acolhimento é sensacional. Você saber que está ali, você não é estranha, você tem pessoas que tem os mesmos sentimentos que você.” (MADA 3)

Este sentimento de acolhimento faz com que estas mulheres se sintam menos excluídas com relação a seus sentimentos, e possibilita com que elas possam olhar para si através das outras.

“Eu comecei a sentir acolhimento pela minha dor, e aos poucos no decorrer de muito tempo eu fui tentando ver que existia sim um padrão e que eu havia escondido em mim muito sutilmente, ou que eu não entendia muito bem, que eu nunca tinha feito uma viagem interior.”(MADA 2)

Através das entrevistas foi possível identificar que para as mulheres entrevistadas, assim como previsto na filosofia do grupo, a fala das outras mulheres possibilita que elas identifiquem em si particularidades de uma mulher que ama demais, além do acolhimento de não estarem sós e não serem julgadas faz com que elas se sintam mais fortes para enfrentar a situação vivida.

4.4 PATRIARCADO: OS PAPÉIS SOCIAIS DE GÊNERO

O patriarcado trata-se de um sistema que mantém o homem em um espaço de poder e liderança, e esse espaço se sobressai em várias situações cotidianas, fortalecendo imposições presentes em nossa sociedade, com uma cultura sexista e preconceituosa. Santos (2018) ressalta que papéis de masculinidade e feminilidade não são meramente atribuídos ao corpo, mas por construções sociais e históricas, sendo notória as estipulações sociais para os papéis de gênero exercidos por cada um. Fato que pode ser identificado nos discursos das mulheres através de falas que indagavam sobre o machismo.

“Se eu não tivesse conhecido MADA não sei o que seria de mim. Ele salva vidas, é uma pena que não tenha tanta divulgação. O número de feminicídios aumentam a cada dia, vivemos em uma sociedade completamente machista, as pessoas não tem noção, acham que a mulher tem que aceitar tudo, é aquela questão de estar junto na alegria e na tristeza, não importa como.” (MADA 3)

“A gente cresce assistindo o pai ter mais autoridade em casa, tudo que perguntava a minha mãe, ela dizia para eu me reportar ao meu pai [...] E depois as pessoas perguntam, você está namorando? Por que não?” (MADA 1)

Fagundes *et al.* (2009) afirmam que diante da ótica de gênero, homens e mulheres atribuem atitudes e papéis normativos, que são estabelecidos culturalmente, e são considerados desiguais quando se compara os gêneros. As mulheres acabam assumindo papéis de subordinação e inferioridade, baseado em imposições institucionalizadas, o que pode implicar de forma direta em sua construção subjetiva, os papéis sociais acabam por serem prescritivos e normativos.

“Todo mundo precisa ter alguém! É uma frase que eu sempre escutei, e eu criei dentro de mim essa verdade absoluta, que eu precisava ter alguém, mesmo que isso custasse por vezes o meu bem-estar, a minha paz interior” (MADA 2)

Estes papéis, diz Maroddin (2000), são transmitidos pela própria família e sociedade, desde que o indivíduo vem ao mundo. A educação dada para homens e mulheres é discriminada, aponta Azevedo (1985), onde são estereotipados os comportamentos de meninas e meninos, onde cada qual tem uma forma de agir, incluindo sentimentos e emoções. Torna-se evidente a disposição destas afirmativas

nos discursos das mulheres entrevistadas, afirmando a condição do patriarcado como um elemento psicossocial potencializador deste lugar de dependência afetivo-sexual.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi compreender a temática dependência afetiva na vida de mulheres participantes do Grupo MADA-BH a vista de elementos psicossociais que possam corroborar para a vivência de relacionamentos onde haja dependência afetivo-sexual. A compreensão deste conteúdo tornou-se densa, levando em conta todo o contexto que a mulher está inserida, não sendo ele somente os relacionamentos amorosos, mas família, amigos e ambiente de trabalho. Embora seja um assunto relevante, ainda é pouco discutido considerando que o acesso a mulheres dependentes afetivo-sexuais ainda pode ser difícil. Mesmo estando situadas em um determinado grupo, a aproximação de seus discursos e vivências é um desafio, o que pode estar relacionado a elementos sociais, como a naturalização da submissão de mulheres, a dificuldade em assumir uma dependência deste cunho, dentre outros fatores.

Esta pesquisa visa fazer apontamentos sobre quais são os elementos psicossociais presentes nos discursos das mulheres que amam demais que podem potencializar esse lugar de dependência, ressaltando como o profissional da Psicologia pode auxiliar na discussão dessas vivências/casos. Viu-se que as experiências de dependência para as mulheres entrevistadas estão para além das relações afetivo-sexuais, possuindo elas características que as levam a situação de dependência afetiva em outras interações na vida, tais como familiares, amigos e trabalho.

Acerca das insuficiências deste trabalho, destaca-se os obstáculos para obter o acesso a estas mulheres que possuem limitações por vezes em falar de suas trajetórias em relacionamentos. Como sugestões posteriores a esta pesquisa, aponta-se estudos relacionados a dependência afetivo-sexual correlacionada a dependência financeira, e estudos que não envolvam somente mulheres heterossexuais.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Maria Amélia. **Mulheres Espancadas: a violência denunciada**. São Paulo: Cortez Editora, 1985.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. 1993.

BEATTIE, Melody. **Co-dependência nunca mais**. 10ª Edição. Ed. Nova Era.

BUTION, Denise; WECHSLER, Amanda. **Dependência emocional: uma revisão sistemática da literatura**. *Est, Inter, Psicol.* Vol.7 no.1 Londrina jun.2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2004

CARVALHO, Tércio Santos Vieira. COSTA JÚNIOR, Inácio César. **Psicologia Social: Conceitos, Histórias e Atualidade**. Academia de Psicologia pela ULBRA/TO, Brasil 2017.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. pg. 42.

FABELI, Lorena; SOUZA, Luanna; LEMOS, Livia; OLIVEIRA, Maria Cristina. **O discurso do “amor” e da “dependência afetiva” no atendimento às mulheres em situação de violência**. Rev. NUFEN. Vol. 7 no. 1 Belém 2015.

GERGEN, Kenneth. **A psicologia social como história**. Psicol. Soc. vol.20 no.3 Florianópolis Set/Dez. 2008

JOVCJELOVITH, Sandra. **Psicologia Social, saber, comunidade e cultura**. 2004.

LEVY, Lidia. GOMES, Isabel Cristina. **Relações amorosas: rupturas e elaborações**. Tempo psicanal. vol.43 no.1 Rio de Janeiro jun. 2011.

MALLMANN, Cleo. **Ciúmes: do normal ao patológico**. Estud. Psicanal. No.43 Belo Horizonte jul. 2015.

MARODIN M. **As relações entre o homem e a mulher na atualidade**. In: Strey MN, organizador. Mulher: estudos de gênero. São Leopoldo (RS): UNISINOS; p. 9-18. 2000.

MONTEIRO, Fernanda Santos. **O papel do Psicólogo no atendimento às vítimas e autores de violência doméstica**. Brasília. 2012.

NORWOOD, Robin. **Mulheres que amam demais**. 1ª Edição. Ed. Rocco. 2011.

PEREIRA, Elenice Fávero. PRUDENTE, Regina Coeli Aguiar Castelo. Greggio, Tarcísio Concolato. **Mulheres que amam demais: quando amar adocece**. REVISTA PSIQUE, Juiz de Fora, v.1, n.1, p.62-69, jan./jul. 2016.

SANTOS, M. R. **Gênero e cultura material: a dimensão política dos artefatos cotidianos**. Florianópolis, 2018. Acesso em Setembro de 2018.

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2018000100300&lang=pt

SMEHA, Luciane; OLIVEIRA, Micheli. **Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos adultos jovens.** Psicol. teor. prat. vol.15 no.2 São Paulo ago. 2013

Zordan, E. P., & Strey, M. N. (2010). **A separação conjugal na contemporaneidade: motivos, circunstâncias e contextos.** Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

APÊNDICE A

ENTREVISTA

1. Como se deu sua trajetória de vínculo à irmandade?
2. Como foi o acolhimento na chegada à irmandade?
3. Como percebeu que “Amava demais”?
4. Como conheceu o grupo? Através de que/quem?
5. Como é/foi sua trajetória afetiva? (em um ou mais relacionamentos)
6. Quando digo AMAR DEMAIS, como é possível conceitualizar isso no seu entendimento?
7. Comumente, o que você percebe que é mais recorrente na sua permanência em relacionamentos?
8. O MADA possui um psicólogo?
9. Durante sua permanência como membro da irmandade, teve algum acompanhamento psicológico, mesmo que fora do grupo? Se sim, como foi a experiência?
10. É possível fazer apontamentos que diferem a sua trajetória com o acompanhamento psicológico, para uma MADA que não faça?
11. Diante destes apontamentos há uma diferença/contribuições?
12. Frequenta o Grupo há quanto tempo?